

# O Protagonismo Feminino na Guerra de Independência

## Female Protagonism In The War of Independence

Betinha Yadira Augusto Bidemy Casimiro Sá<sup>1</sup>  
Angela Guida<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é produzir uma reflexão acerca da Guerra Colonial portuguesa imposta à Guiné-Bissau, a partir da presença de mulheres na luta armada de libertação nacional. A atuação feminina no movimento político guineense foi de grande relevância para a conquista da liberdade, em especial com a participação das guerrilheiras Carmen Pereira e Titina Silá.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to reflect on the Portuguese colonial war imposed on Guinea-Bissau, based on the presence of women in the armed struggle for national liberation. The role of women in the Guinean political movement was of great importance in the conquest of freedom, especially with the participation of guerrillas Carmen Pereira and Titina Silá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Guiné-Bissau; Guerra de Independência; Resistência feminina.

**KEYWORDS:** Guiné-Bissau; War of Independence; Female resistance.

---

*Entre a dor que sinto  
e o que pressinto  
na alma da minha terra  
que caminho trilhar?*

---

<sup>1</sup> Mestrado e Doutorado em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atua como docente na Universidade Amílcar Cabral (UAC) em Bissau. E-mail: [yadirabidemy@gmail.com](mailto:yadirabidemy@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), doutora em Ciência da Literatura (Poética) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua como docente (mestrado e doutorado) no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS). E-mail: [angelaguida.ufms@gmail.com](mailto:angelaguida.ufms@gmail.com)

---

*Entre a dor que sinto  
entre o ser e o estar  
venceram a ganância  
a violência  
e o desespero  
E nós?  
não acredito  
no que os meus olhos veem  
(Odete Semedo)*

*Há camaradas homens, alguns, que não querem entender que a liberdade para o nosso povo quer dizer liberdade também para as mulheres, a soberania para o nosso povo quer dizer que as mulheres também devem participar nisso, e que a força do nosso partido vale mais na medida em que as nossas mulheres peguem nele teso para mandarem também, com os homens.*

(Amílcar Cabral)

## Introdução

A Guiné-Bissau é um país pluricultural com uma média de dois milhões de habitantes, portanto um país relativamente pequeno em extensão territorial, mas constituído por etnias diversas, o que lhe confere grande complexidade cultural. Como outros países do vasto continente africano, também foi colônia de Portugal e viveu sob o jugo da Guerra de Independência, alcançando a liberdade muito tardiamente, apenas na década de 1970 do século XX, após mais de quatro séculos de colonização. Moema Augel observa que o registro das atividades dos

navegadores portugueses em direção ao território, que hoje se denomina Guiné-Bissau, teve início no século XV quando Nuno Tristão, ao retornar da costa senegalesa, ancorou no litoral guineense. No entanto, foi somente no século XX que o processo de colonização se efetivou com toda sua crueldade direcionada aos nativos daquele país.

Apenas depois da Segunda Guerra Mundial a “Guiné” foi submetida a uma verdadeira política de colonização. Conheceu, então, um período extremamente sanguinário e violento, despótico e cruel, em que os estrangeiros se empenharam em realizar a dominação, e os africanos resistiram com bravura das mais diversas formas. (Augel, 2007, p. 54)

Após a independência, não foram poucos os desafios da então nação livre. No cenário político, a Guiné-Bissau passou por dois momentos significativos: um período formado por partido único, o PAIGC (Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde), portanto sem eleição; o outro, um período multipartidário, o que possibilitou aos guineenses terem a opção entre candidatos de partidos diversos. No período sob a direção do PAIGC, Luís Cabral (irmão de Amílcar Cabral, um dos mais importantes nomes da luta armada pró-libertação) foi quem comandou o país até 1980. O governo de Cabral dividiu opiniões, uma vez que houve algum crescimento no país, mas não da maneira como se esperava, o que culminou em um golpe<sup>3</sup> no governo de Cabral, dado

---

<sup>3</sup> Em 2025, lamentavelmente ainda se constata atividades suspeitas na política guineense no que diz respeito ao desejo de ter plena posse do poder. No último 26 de novembro, o país sofreu mais uma tentativa de “golpe”. Dessa vez, um golpe com características, no mínimo, suspeitas, uma vez que os oponentes do presidente deposto, Umaro Sissoco Embaló, foram presos e os

por Nino Vieira, à época, na função de Comissário Principal. Com essa instabilidade política, o país pouco avançou. A primeira eleição em Guiné-Bissau só veio a acontecer efetivamente na década de noventa.

O projeto de independência trouxe muitas promessas de uma vida melhor para o povo guineense, porém, no cotidiano, essas promessas ficavam cada vez mais distantes. O país ainda se encontrava tomado por instabilidade política em meio a sucessivos golpes, crises econômicas, precariedade no sistema de saúde, educacional, entre outras mazelas. Muitos escritores guineenses trouxeram para suas obras as demandas do povo, como é o caso de Abdulai Sila, um dos corpos-vozes mais atuantes da Guiné-Bissau ao lado de Odete Semedo. Segundo Moema Parente Augel, “A literatura não escapou do amplo espectro de questionamentos e ajustes de contas com a antiga metrópole” (Augel 2007, p. 142). Esse acerto de contas da literatura com o colonizador pode se dar por meio da reescrita de narrativas que questionem a naturalização do processo de subalternização sofrido pelos povos colonizados. Hora de ouvir o outro lado da história...

No caso da Guiné-Bissau, a literatura também se configura como movimento de resistência à opressão do colonizador em diferentes níveis. Nesse contexto, os escritores do período pós-independência, por meio de seus corpos-

---

aliados dele, promovidos. Uma sucessão de golpes militares que se arrasta desde 1974, ocasião da independência, e compromete a vida política do país. O mais recente golpe se deu um dia antes do comunicado oficial do resultado das eleições gerais, que aconteceram em 23 de novembro, a fim de eleger presidente e membros da ANP (Assembleia Nacional Popular). Uma eleição também assinalada por violência e total ausência de credibilidade, conforme atestam moradores do país, incluindo uma das autoras deste artigo.

vozes, denunciavam e cobravam das autoridades os compromissos que haviam assumido com o povo guineense. Essas cobranças são nítidas, por exemplo, no romance *Memórias SOMânticas*, de Abdulai Sila:

O trabalho forçado ia acabar; haveria boas escolas para todos as nossas crianças, e em todas as tabancas e cidades; hospitais modernos para tratar dos doentes; e como irmãos que somos, iríamos todos viver em harmonia, construindo em todos os cantos da nossa pátria amada a paz e o progresso (Sila, 2016, p. 84).

O texto de Sila é um arquivo literário potente, que nos dá a mais clara representação das demandas que assolavam o povo guineense no período pós-independência. Entretanto, séculos de opressão e colonização deixam marcas que não desaparecem da noite para o dia. “A descolonização é sempre um longo processo e não apenas um ato político e pontual” (Augel, 2007 p. 142). Muitos dos problemas pós-independência ainda perduram cinquenta anos depois, sobretudo, naquilo que é o básico para o mínimo de dignidade de um povo, que é o cuidado com a saúde e a educação. A situação ainda se encontra tão crítica nesses dois departamentos que, recentemente, a Liga Guineense dos Direitos Humanos encaminhou uma carta aberta ao então presidente do país, Umaro Sissoco Embaló, alertando para um possível colapso no sistema de saúde e de educação do país se não houver uma intervenção urgente.

Em Bissau, ao lado do Porto de Pindjiguiti, na Praça dos Mártires, há um monumento que simboliza muito do que foi o processo de luta por independência e melhores condições de vida para o povo guineense – A Mão de

Timba. O expressivo monumento é um dos mais conhecidos de Bissau, em especial porque pode ser compreendido como um marco político de grande relevância, uma vez que representa a resistência de estivadores e marinheiros do porto de Bissau que lutaram para garantir direitos mínimos. Trata-se de uma homenagem aos trabalhadores do porto de Pindjiguiti, que no dia 3 de agosto de 1959 foram massacrados quando reivindicavam seus direitos relacionados ao reajuste salarial e melhoria das condições de trabalho, ocasionando a morte de muitos operários e deixando centenas de feridos. Esse massacre foi o estopim para desencadear a guerra armada, no ano de 1963.

A independência se efetivou em 24 de setembro de 1973, embora só tenha sido reconhecida por Portugal em 1974. A fala comum entre os guerrilheiros era *Unidade e Luta*. Para que obtivessem sucesso, os membros do PAIGC e a população guineense tiveram que se unir coletivamente e compreender o significado de *Unidade e Luta*, ou seja, era necessário compreender que os guineenses, independentemente de questões pessoais, crenças e diferenças de qualquer natureza, precisavam se unir para um bem maior: libertar a Guiné-Bissau dos mandos e desmandos portugueses, conforme observa o líder da revolução, Amílcar Cabral.

Consideramos, por exemplo, um time de futebol, formado por vários indivíduos, 11 pessoas. Cada pessoa com seu trabalho concreto para fazer quando o time de futebol joga. Pessoas diferentes uma das outras: temperamentos diferentes, muitas vezes instrução diferente, alguns não sabem ler e nem escrever, outros são doutores, outros enfermeiros,

religião diferente, um pode ser de um partido, outro de outro (Cabral, 1974, p. 4).

A fala do líder revolucionário evidencia a necessidade de colocar as diferenças de lado em nome de um bem maior: a liberdade e a independência. Os colonizadores invadiram o território guineense, usufruindo da terra e da economia, alterando a história e o destino do povo, e era hora de recuperar essa narrativa e reescrevê-la a partir de outro ponto de vista.

Durante quase 50 anos fizeram uma guerra colonial contra o nosso povo; guerra contra manjacos, contra papéis, contra fulas, contra mandingas, beafadas, balantas, contra felupes, contra quase todos as tribos da nossa terra, na Guiné (Cabral, 1974, p. 5).

Apesar de não constar de forma muito evidente nos registros oficiais (e esse não é um problema só da Guiné-Bissau), as mulheres guineenses tiveram papel fundamental na guerra da luta armada e no processo de independência do país, pois participaram na linha de frente, na cozinha, como mensageiras, enfermeiras, educadoras entre outras funções. “Nesse país, as mulheres insurgiram-se ao lado dos homens desde os tempos da resistência à conquista colonial e também durante a luta pela independência” (Gomes 2016, p. 5). Foram muitos nomes, tais como: Teodora Inácia Gomes, Francisca Pereira, Angelina Malu, Teresa Ndoi, Nhima Sanhá, Satú Camará, Mariatu, Satú Djassi, Eva Gomes, Binto Sambú, entre tantas outras. No entanto, neste artigo, dada a sua extensão, vamos apresentar as histórias de apenas duas mulheres guineenses que foram

expoentes na luta armada de libertação nacional: Carmen Pereira e Titina Sila, ambas guerrilheiras e atuantes no PAIGC.

Odete Semedo se inspirou na vida de Carmen Pereira e escreveu a biografia – *Os meus três amores: O diário de Carmen Pereira*. Titina Sila literalmente morreu pelo país, vítima de uma emboscada quando voltava do funeral de Amílcar Cabral. Mais do que merecido é que o dia de sua morte, 30 de janeiro, seja comemorado como o Dia Nacional da Mulher Guineense, uma justa homenagem a Titina Sila, bem como a todas as mulheres guineenses.

Embora tenha havido uma participação grande e incontestável das mulheres na guerra da libertação nacional, após a independência, houve uma disparidade considerável da presença feminina no parlamento.

No período pós-independência, a presença de mulheres no Parlamento, em termos de representação, não correspondia aos resultados esperados, o que aumentou a disparidade de gênero nos espaços de poder (Monteiro, Té, 2024, p. 1).

Recuperar o protagonismo das mulheres no centro da política na Guiné-Bissau, a exemplo do tempo da luta pela libertação nacional, tem sido um dos grandes desafios na sociedade guineense na atualidade. Onde estão as mulheres que fizeram frente à luta anticolonial?

## Carmen Pereira: um corpo-voz<sup>4</sup> em nome da liberdade guineense

Carmen Maria de Araújo Pereira, mais conhecida por Tia Carmen, nasceu em Bissau, no dia 22 de setembro de 1936. Foi combatente na guerra de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde e integrante ativa do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Exerceu também o cargo de vice-presidente da Assembleia Popular Nacional entre 1973 e 1984. Quando saiu para a luta armada, Carmem já era mãe, portanto, a maternidade não a impediu de lutar pela liberdade do seu país. Após a independência, Carmen Pereira continuou ativa na vida pública da Guiné-Bissau. Exerceu vários cargos, entre eles o de Presidenta interina do país, por apenas alguns dias, mas o suficiente para marcar seu nome como a primeira mulher a exercer tal cargo no continente africano.

Na época da luta armada, Carmen dizia que as mulheres precisavam tomar a dianteira para mostrar aos homens a capacidade e disposição feminina para a luta. Carmen Pereira registrou os dias de guerrilha em um diário e, até onde se

---

<sup>4</sup> Usamos o termo “corpo-voz” inspiradas em Conceição Evaristo que dele fez uso em “A escrevivência e seus subtextos” para falar de mulheres negras escravizadas que foram silenciadas ao longo da vergonhosa história escravocrata. Assim, corpo-voz se dá como uma potência de voz em sentido amplo. “Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o *corpo-voz* de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.” (Evaristo, 2020, p. 30, grifo nosso).

tem notícia, conforme aponta Margarida Calafate Ribeiro no prefácio de *Os meus três amores*: o diário de Carmen Maria de Araújo Pereira – uma visão de Odete Costa Semedo, o diário de Carmen é o único registro e/ou testemunho feminino da luta armada na Guiné-Bissau. O diário de Carmen Pereira respondeu algumas questões que Calafate Ribeiro se colocava acerca da Guerra de Independência.

No que fui lendo e estudando sobre esta longa guerra, de um lado e do outro da guerra sempre me perguntei: e onde estão as mulheres, aquelas que nas sombras e por outros trilhos inventam a vida para que a paz chegue e a vida floresça? Estão aqui nas páginas deste diário, nas cartas trocadas, nos trilhos da guerra e da independência (Ribeiro apud Pereira 2016, p. 20).

Carmen Pereira, apesar de não saber exatamente o que a esperava no cenário de guerra (em um contexto como esse, ninguém sabe), estava consciente dos riscos que corria e, ainda assim, decidiu se juntar aos guerrilheiros. Decerto, não foi fácil deixar os filhos com os familiares, tanto é que, após um mês, voltou para buscá-los, o que deixou sua vida ainda mais difícil, uma vez que ajudava no cotidiano da guerrilha e, em casa, cuidava das crianças. Durante esse período, além das tarefas domésticas, Carmen Pereira ajudava no preparo das comidas do alojamento, no cuidado dos feridos da guerra e também na compra dos remédios. Ela se manteve firme até chegar o dia em que foi chamada para ir ao encontro de Amílcar Cabral, o principal líder do movimento.

Em 1961, comecei os contatos com os camaradas do PAIGC, principalmente Malam Djiná Mané. Queria ir para a luta, para o lugar onde estava o meu marido, mas a forma de sair de Bissau é que se mostrava cada vez mais difícil, dado os meus três filhos que ainda eram pequenos

e não sabia como fazer. Se os deixasse, onde quer que eu fosse não estaria tranquila, por outro lado, ir com eles era um grande risco, dado que não sabia o que esperava nessa «aventura». Porém, mesmo diante de todas essas dúvidas havia uma certeza que não me deixava na dúvida interminável e essa ideia acabou vencendo: Decidi ir para o Senegal.

[...]

Em dezembro de 1963 o tio Lourenço mandou-me para Dakar, responder à chamada do camarada Amílcar Cabral. Fui para Dakar e lá apanhei avião para Conacri. Foi doloroso para mim, porque era a primeira vez que separava dos meus três rapazes. Fui porque pensei que aquela chamada era para me experimentar-para por-me à prova- e ver o nível do meu engajamento à causa. Quando cheguei a Conacri, fui recebida no aeroporto pelo Camarada Cabral, notei que ele me olhava de um jeito e logo deduzi que ele estava a pensar que eu estava com os meus filhos, Ele recebeu-me e levou-me para o Bureau e depois pediu que me levassem para o lar (Pereira, 2016, pp. 31, 39, 40).

No encontro, Cabral discutiu com Carmen Pereira acerca da relevância da participação das mulheres na luta armada e disse a ela que desejava criar uma organização de mulheres – a UDEMU (União Democrática das Mulheres), uma organização de mulheres militantes e simpatizantes do PAIGC. Na conversa, falou com Carmen sobre o amor à pátria e o amor aos filhos, ao que ela respondeu que o amor à pátria antecedia o amor aos filhos. Carmen disse a Cabral que o amor à Pátria antecedia o amor aos filhos.

E eu confirmei-lhe que o amor à pátria era primeiro mas que logo estavam os filhos. Propôs-me manter essa fidelidade e que eu deveria embarcar para Moscovo, a fim de fazer um curso político num grupo de mais nove homens chefiado pelo Camarada Pedro Pires (Pereira, 2016, p. 40).

A decisão de colocar o amor à pátria em primeiro plano pode parecer radical à primeira vista e, certamente, não deve ter sido fácil. No entanto, Carmen

Pereira fez essa escolha porque desejava deixar uma terra livre para seus filhos. Essa demonstração de fidelidade ganhou a confiança de Amílcar Cabral e ela foi enviada em missão para Moscovo.

Em dezembro embarquei para Moscovo, no segundo grupo e só Deus como estava desesperada sem poder despedir-me dos meus três rapazes! Mas a luta exigia e eles tiveram que ficar com a Tereza, irmã do tio Lourenço e a Musqueba, que tinha muito amor aos três rapazes.

[...]

A minha estadia em Moscovo durante aqueles meses foi de saudades e com o pensamento nos três rapazes, e isso dificultou-me um pouco a vida nos primeiros momentos. Não conseguia concentrar-me nos estudos, estava desorientada e até pedi para regressar, porque não estava a assimilar nada (Pereira, 2016, p. 40 e 41).

Com a ajuda dos colegas, Carmen Pereira conseguiu atravessar o período difícil e concluiu o curso como a segunda melhor aluna da turma no curso de nível superior de política na então URSS. Amílcar Cabral ficou satisfeito com o resultado da formação de Carmen Pereira em Moscovo e, após essa missão, nomeou-a representante política do Lar em Ziguinchor.

Nós devemos muito a Cabral. Sabemos que se hoje há mulheres na direção do partido, do estado, se o nome das mulheres ficou na história, devemos isso ao seu esforço. Foi ele que ajudou a analisar os problemas e a falar da opressão feminina (Pereira, 2016, p. 175).

O testemunho de Carmen Pereira evidencia que Amílcar Cabral foi uma figura importante na luta pela emancipação do país, bem como na emancipação das mulheres guineenses, uma vez que vislumbrou no trabalho delas a mesma capacidade de luta que a dos homens em prol da libertação da Guiné-Bissau,

seja pegando em armas ou ocupando cargos de destaque no partido. Isso fica claro na fala de Carmen Pereira, que conviveu de perto com ele, a qual foi uma militante não só pela libertação da Guiné-Bissau da opressão dos portugueses, mas também dos homens, como ficou evidente em sua célebre frase, que diz que a Guiné-Bissau precisava combater duas formas de colonialismo: o representado pelos portugueses e aquele representado pelos homens.

Em junho de 2016, Carmen Pereira se foi, entretanto, seu corpo-voz não se calou, pois a guerrilheira deixou um legado incontornável para mulheres que desejam ser mais que sombras de homens, quer na vida pública, quer na vida cotidiana.

## **Ernestina Silá: um corpo-voz tombado em nome da liberdade**

Ernestina Silá, conhecida por Titina Silá, entrou para a militância do PAIGC ainda muito menina, mal havia completado 18 anos. Com tão pouca idade, já havia entendido o que o país queria dela. Titina Silá também viajou para a antiga União Soviética, a exemplo de Carmen Pereira, a fim de fazer um estágio político que pudesse auxiliá-la em sua atuação política no PAIGC e na luta pela independência do país. Titina Silá tinha um grande espírito de liderança e, após seu retorno da União Soviética, deu continuidade aos trabalhos na guerra, em

Conacri,, dando formação aos demais colegas da luta. Titina Silá teve um papel importante no processo de independência do país, embora não tenha conseguido ver a Guiné-Bissau livre da colônia portuguesa, já que foi assassinada com apenas 30 anos, no dia 30 de janeiro de 1973, vítima de uma emboscada, enquanto viajava para participar do funeral do líder Amílcar Cabral, que fora assassinado uma semana antes.

Mesmo sabendo que sua ida ao funeral de Cabral a colocaria em perigo, ainda assim se pôs em risco e foi dar o último adeus ao seu líder e acabou sendo assassinada por militares portugueses que a afogaram no rio Farim, no norte da Guiné-Bissau. Titina Silá tinha plena consciência de que sua atividade como guerrilheira a colocava na mira dos militares portugueses, por isso andava fortemente armada e, segundo comenta Carmen Pereira, o próprio peso do seu equipamento de defesa, em certa medida, facilitou a ação dos adversários portugueses.

Ela foi assistir ao funeral de Cabral e na volta foi atacada. Ela andava sempre equipada com botas, cinto e pistola. Caiu num rio e afundou com o peso do equipamento. Os restos dela estão onde estão também os restos de Cabral, Chico Mendes, Osvaldo Vieira – que eram grandes combatentes (Pereira, 2014, p. 1).

A data da sua morte, 30 de janeiro, foi instituída como um feriado feminino – “Dia Nacional da Mulher Guineense” – homenageando também outras mulheres que deram suas vidas na luta pela libertação nacional. Titina Silá foi a única mulher a receber a honraria de Heroína Nacional, bem como a única mulher

sepultada junto aos Heróis Nacionais, como Amílcar Cabral. Sua filha, Eva Silá vê com entusiasmo o reconhecimento ao engajamento da mãe, que literalmente deu a vida pelo país, um corpo-voz tombado em nome da liberdade.

A memória coletiva vai esquecendo dessas mulheres, mas eu dou graças a Deus que a minha mãe ninguém vai esquecer porque já tem o dia da sua morte que está relacionado à mulher guineense: 30 de janeiro, todos os anos comemoram esta data (Silá apud Roque 2021, p. 280).

Há duas fotos de Carmen Pereira<sup>5</sup> e de Titina Silá<sup>6</sup> que são emblemáticas e, por si, parecem narrar o que foi a participação das mulheres guineenses na luta pela libertação nacional. A leveza do vestido de Carmen Pereira contrasta com a brutalidade da pesada arma que a guerrilheira segura com firmeza. Já Titina mostra bem como se dividiu entre a família e a luta armada, pois, vestida com roupa de combate, de um lado do corpo traz a filha ainda bebê, Eva; do outro, a arma de combatente. A singeleza do bebê também contrasta com a rudeza do artefato bélico na cintura da mãe guerrilheira.

As mulheres guineenses, desde a criação do partido PAIGC, tiveram grande importância na vida política do país, porque se associaram aos homens em condições de igualdade na luta política e também na luta pela libertação contra os colonizadores. Foi uma participação ativa na criação do partido, em todos os

---

<sup>5</sup> A foto de Carmen Pereira a qual nos referimos encontra-se disponível em:

<https://www.dw.com/pt-002/carmen-pereira-e-a-guerra-das-mulheres-na-guin%C3%A9-bissau/a-17656419>.

<sup>6</sup> A foto de Titina Silá está disponível em: <https://tchogue.blogspot.com/2019/01/quem-foi-ernestina-titina-sila.html>

aspectos, tanto durante a luta armada quanto no período posterior. Essa força deu lugar à criação da UDEMU. Amílcar Cabral convocou mulheres e homens para a guerra da libertação nacional da Guiné-Bissau e Cabo Verde, porque, segundo ele, era necessária a união do povo guineense, independentemente de serem homens ou mulheres.

O objetivo da luta da libertação nacional da Guiné-Bissau não se completa apenas pela expulsão do colono português, mas também realça o estatuto da mulher na sociedade, o movimento da luta contribuiu de uma forma positiva à conscientização das pessoas sobre os direitos da mulher (Mbundé, 2022, p 66 e 67).

Em 1979, foi realizada a primeira Assembleia da Mulher, com a finalidade de criar uma Organização das Mulheres, com participação de guineenses e cabo-verdianos, cujo objetivo era atender às necessidades das mulheres, tendo em vista uma reflexão política sobre a condição feminina na Guiné-Bissau. Nesses encontros, as mulheres discutiam ações para o futuro e a participação feminina na tomada das decisões para o desenvolvimento do país. O movimento seguiu firme e deu como fruto o primeiro congresso, a fim de tratar da participação das mulheres na política e na liberdade de expressão.

Em fevereiro de 1982 foi realizado o primeiro Congresso Nacional das Mulheres, com a intenção da reestruturação da CNMG. Entre seus objetivos estavam a «redefinição da estrutura da UDEMU», para lutar pelo avanço do estatuto da emancipação feminina, no quadro de uma sociedade democrática em que todos os cidadãos gozassem dos mesmos direitos e deveres, sem a discriminação de sexo, religião, cor ou estatuto

social, uma sociedade onde a liberdade das mulheres se tornasse mais visível na esfera política social econômica e cultural (Gomes, 2015, p.15).

Como destacado pela pesquisadora guineense Patrícia Godinho Gomes, o primeiro Congresso Nacional das Mulheres foi um marco significativo na luta pelo protagonismo feminino na vida pública da Guiné-Bissau e trouxe demandas importantes, entre as quais, repensar as atividades da CNMG (Comissão Nacional das Mulheres da Guiné, antes Comissão Feminina, criada pelo P.A.I.G.C., em 1975) e redefinir e/ou reorganizar os caminhos da UDEMU (União Democrática das Mulheres da Guiné e de Cabo Verde), que fora criada em 1961 com grandes promessas, entretanto, como apontam estudiosos, os ideais preconizados acabaram por se dispersar e, em 1966, houve uma interrupção das atividades do movimento, sendo retomadas posteriormente, na década de 80, com atuação até os dias atuais, como é possível vislumbrar no site da organização. Entre as tantas versões acerca da interrupção das atividades da UDEMU ainda na década de 60, há, por exemplo, a de que as mulheres estavam sobrecarregadas na linha de frente da luta armada, portanto não conseguiam dar plena atenção às demandas da organização. “A falência inicial da UDEMU deveu-se sobretudo ao facto de a maioria das mulheres experientes estarem empenhadas nas três frentes de luta, o que teria levado à inevitável ausência das mulheres na organização” (Pereira *apud* Mbundé, 2016, p. 32). Nas palavras de Gomes, houve uma infeliz conjugação de fatores que contribuíram para a suspensão das atividades da UDEMU em 1966.

O fato de a organização não ter incluído na fase inicial da sua existência uma parte significativa das mulheres guineenses empenhadas nas várias atividades das frentes de combate; o fato de a UDEMU ter assumido sobretudo nesta fase uma função internacional no sentido da captação de recursos materiais e financeiros para o desenvolvimento da luta armada e pouco engajada com as lutas feministas, constituíram fatores de fragilização e de fragmentação da organização enquanto movimento político e que iriam conduzir ao seu desaparecimento em 1966. Boa parte das mulheres, sobretudo as que se encontravam estabelecidas nas mais remotas comunidades rurais, acabariam por ficar à margem da organização feminina do PAIGC, a mesma que supostamente tinha sido criada para responder aos seus anseios, mas fundamentalmente formada por jovens filhas de exilados de guerra na vizinha Guiné Conacri que, em boa parte dos casos, nunca tinham pisado em solo guineense. (Gomes, 2016, p. 128).

Em 1988, aconteceu o segundo Congresso, ocasião na qual as mulheres discutiram diversas questões, entre elas: planejamento familiar, salário, inclusão das mulheres na política após a guerra, escola, (uma vez que boa parte delas ou era analfabeta ou tinha baixa escolarização), papel das mulheres na sociedade, saúde feminina, casamento precoce e mortalidade infantil. As demandas colocadas em pauta pelas mulheres nesses importantes congressos são necessárias ao desenvolvimento de um país, entretanto, mesmo com incontornáveis esforços de movimentos femininos e feministas voltados à pauta da paridade de gênero, ainda há, na Guiné-Bissau, um número reduzido de mulheres que desempenham cargos de destaque em seus empregos e na vida política do país, bem como têm acesso limitado à educação formal. O relatório “Desafios da Educação na Guiné-Bissau”, realizado em 2021, há apenas quatro

anos, revelou que as meninas ainda estão em desvantagem quando o assunto é escolarização.

Há uma disparidade de gênero no sistema educativo da Guiné-Bissau. Entre as crianças com idades compreendidas entre 10 e 11 anos, 17,5% dos meninos não frequentam a escola, contra 25,7% das meninas. Entre as famílias pobres, os meninos têm 1,8 vezes mais probabilidades de chegar ao sexto ano do que as meninas. Em geral, os meninos têm 1,5 vezes mais chances do que as meninas de frequentar o Ensino Secundário Geral. Além disso, os meninos recebem 59% dos recursos públicos destinados à educação, enquanto as meninas recebem 41%.

A desigualdade de gênero no sistema educacional da Guiné-Bissau leva a consequências tais como, entre as meninas, casamento infantil. Cerca de 54% das mulheres sem educação formal passaram pela experiência de se casarem na infância, em comparação a 9% das mulheres que concluíram o ensino médio ou superior. A idade média de uma mulher sem educação formal para o primeiro parto é de 18,2 anos, em comparação com 21,4 anos para uma mulher que estudou por 14 anos. As mulheres que receberam 14 anos de educação têm, em média, cerca de 1,2 filhos. Por outro lado, a média entre mulheres sem educação formal é de 3,3 filhos. (Relatório do Projeto Borgen<sup>7</sup>, 2021, S/P).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> O projeto Borgen é uma organização sem fins lucrativos, com sede nos EUA, que atua desde 2003, no sentido de investigar as causas da pobreza global extrema e apontar possíveis caminhos para um mundo mais igualitário e justo, em parte, a partir da conscientização política de dirigentes de países ricos, sobretudo, dos EUA. Disponível em: <https://borgenproject.org/about-us/> Acesso em: 7 dezembro 2025.

<sup>8</sup> A gender gap is prevalent within Guinea-Bissau's education system. Of children aged 10 to 11 years old, 17.5% of boys are not attending school as opposed to 25.7% of girls. Among impoverished families, boys are 1.8 more likely to reach grade six than girls. In general, boys are 1.5 times more likely than girls to take part in General Secondary Education. Moreover, boys obtain 59% of public resources for education, while girls get 41%.

The gender inequality in Guinea-Bissau's education system leads to consequences, such as child marriage among girls. About 54% of women without an education experienced child marriage, as opposed to the 9% of women who achieved secondary education or higher. The average age of a woman without education for the first delivery of a child is 18.2 years old as opposed to 21.4 years old for a woman who studied for 14 years. Women who received an education of 14 years have an average of about 1.2 kids. On the other hand, women without education have an average

No entanto, mesmo com as diferenças apontadas, não se pode negar o passo importante que o movimento da emancipação tem na esfera feminina guineense, porque as mulheres, ainda que na contramão do sistema, estão lutando, estudando e conquistando, aos poucos, seus espaços na sociedade. As mulheres que lutaram pela independência da Guiné-Bissau e também pela emancipação da cidadania feminina devem ser fonte de inspiração para que outras mulheres continuem na luta por outras causas. Essas mulheres combatentes são um convite à luta diária. Mulheres como Titina Silá, Carmen Pereira, Joana Gomes, Teodora Gomes, Binto Nanque, Francisca Pereira e tantas outras anônimas, que participaram de forma direta ou indireta, foram igualmente importantes para a independência da Guiné-Bissau, porque lutaram na guerra em condições de igualdade com os homens, inclusive fazendo treinamento militar na antiga União Soviética, como já dito.

Se hoje a Guiné-Bissau é um país livre, ainda que mergulhado em sérios problemas de toda ordem, é porque muitos corpos-vozes femininos guineenses contribuíram para a escrita desta narrativa outra, ainda que a história oficial tenha tentado invisibilizar esses corpos-vozes da cena histórica guineense, como observa Patrícia Godinho Gomes – “Apercebi-me que me encontrava perante uma realidade de quase total ausência e de invisibilidade das vozes femininas na

---

of 3.3 children. (Tradução do original realizada por Daniel Almeida Machado)

história da libertação da Guiné-Bissau, ou seja, o que chamaria de “as outras vozes” da história (Gomes, 2016, p. 122). As mulheres guineenses resistem à narrativa oficial que as invisibiliza, a fim de reescreverem narrativas outras em que seus corpos-vozes sejam ouvidos, afinal, “narrar é resistir” (Rosa, 2013, p. 127).

## Considerações finais

Dissemos que Carmen Pereira ocupou alguns cargos políticos de destaque, mas também argumentamos que após a independência, em comparação com a expressiva participação feminina na luta pela libertação nacional, a participação de mulheres no parlamento guineense sofreu um decréscimo expressivo, mesmo com leis que tentam garantir uma maior abertura à participação feminina nos pleitos eleitorais.

Há tentativas de burlar tais leis para que se continue a manutenção do poder masculino. Um exemplo disso se deu quando foi necessário que o Supremo Tribunal de Justiça notificasse os partidos políticos e respectivos candidatos a deputados para que incluíssem certo número de mulheres nas listas das candidaturas, que não correspondiam aos 36% previstos pela lei das quotas em vigor na Guiné-Bissau. Essa lei da Paridade<sup>9</sup> foi aprovada em 2018, no

---

<sup>9</sup> No pleito eleitoral de 23 de novembro de 2025, ainda se constata grande disparidade nas candidaturas de homens e mulheres guineenses. Nas palavras do jurista Cabi Sanhá, em entrevista concedida ao jornal *DW*, em 10 de novembro de 2025, falta pressão por parte de

mandato do ex-presidente José Mário Vaz, mas, na prática, a história é bem diversa desse percentual mínimo de participação feminina no parlamento. Segundo Francisca Vaz (2019), representante do Conselho das Mulheres e Raparigas Guineenses, nenhum partido político havia cumprido a lei. “Neste momento, existem candidaturas, mas nenhum partido atingiu a percentagem que nós exigimos, e que hoje está publicada como lei no boletim oficial do Estado” (Vaz, 2019, p. 1). Os cargos políticos são espaços de poder, e tentar ocupar esses espaços é honrar a memória de mulheres como Titina Silá, que literalmente deu a vida pela emancipação do país. Derrida argumenta que a herança é uma tarefa da qual não podemos escapar. Não podemos e não devemos, porque:

A herança nunca é um dado, é sempre uma tarefa. Que resta diante de nós, incontestavelmente, tanto que, antes ainda de querê-la ou recusá-la, nós somos os seus herdeiros e herdeiros em luto, como todos os herdeiros (Derrida, 1994, p. 73).

As mulheres guineenses, herdeiras de Carmen Pereira, herdeiras de Titina Silá, herdeiras de Teodora Inácia Gomes, herdeiras de Francisca Pereira, herdeiras de Angelina Malu, herdeiras de Teresa, herdeiras de Ndoi, herdeiras de Nhima

---

organizações da sociedade civil, bem como do próprio Supremo Tribunal de Justiça que não veta candidaturas de partidos que descumprem a lei de paridade. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/bissau-onde-est%C3%A3o-as-mulheres-candidatas-nestas-elei%C3%A7%C3%B5es/a-74692078>. Acesso em 7 de dezembro de 2025. Não é demais lembrar que até o mais recente pleito, apenas uma mulher concorreu à Presidência do País: Antonieta Rosa Gomes, em 2005, portanto há 20 anos.

Sanhá, herdeiras de Satú Camará, herdeiras de Mariatu, herdeiras de Satú Djassi, herdeiras de Eva Gomes, herdeiras de Bintó Sambú, herdeiras de tantos nomes que este artigo não dá conta de nomear, mas nem por isso são menos importantes, não podem recusar essa herança de luta. Pelo contrário. Têm o dever, a tarefa, como diz Derrida, de continuar esse legado de espírito de luta que moveu aquelas mulheres durante a guerra anticolonial, a fim de garantir a libertação nacional da Guiné-Bissau. Resistência feminina foi a palavra de ordem durante a luta armada e, pelos motivos aqui discutidos, precisa continuar na ordem do dia...

## Referências

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**. Rio de Janeiro: Garamond LTDA, 2007.

CABRAL, Amílcar. **Guiné-Bissau, nação africana forjada na luta**. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.  
DW. *Bissau: onde estão as mulheres candidatas nestas eleições?* 10 de novembro de 2025. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/bissau-onde-est%C3%A3o-as-mulheres-candidatas-nestas-elei%C3%A7%C3%B5es/a-74692078>. Acesso 07 dez. 2025.

EVARISTO, Conceição. **A escrituragem e seus subtextos**. In. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrituragem: a escrita de nós*:

reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Patrícia Godinho. O Estado da Arte dos Estudos de Gênero na Guiné-Bissau: uma abordagem preliminar. **Outros Tempos**, vol. 12, n.19, 2015.

Disponível em:

[https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/458](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/458). Acesso: 01 ago. 2025.

GOMES, Patrícia Godinho. As outras vozes: percursos femininos, cultura política e processos emancipatórios na Guiné-Bissau. **Revista Odeere**: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Ano 1, número 1, Janeiro – Junho de 2016. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/1536>. Acesso: 01 ago. 2025.

MBUNDE, Daiana Fernando. **Emancipação feminina na Guiné-Bissau na área política e social**. 2016. Disponível em:

<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2821/1/DAIANA%20-%20BACHARELADO%20EM%20HUMANIDADE%20-%20TCC%20-%202016.1%202.pdf>. Acesso: 07 dez. 2025.

MONTEIRO, Artemisa Odisa Candé, TÉ, Anós Paulo. Participação política na Guiné-Bissau: uma análise da presença das mulheres no parlamento (1973–2023). In. **Revista sul-Americana de Ciência política**, v. 10, n. 2, 2024.

<https://www.vaticannews.va/pt/africa/news/2025-02/liga-guineense-direitos-humanos-alerta-colapso-saude-educacao.html>

PEREIRA, Carmen Maria de Araújo. **Os meus três amores: o diário de Carmen Maria de Araújo Pereira: uma visão de Odete Costa Semedo**. Edição 1 de Coleção Kebur II INEP, Bissau: Série Palavras de Mulher, 2016.

RELATÓRIO do Projeto Borgen: Desafios da Educação na Guiné-Bissau. 04 jan. 2021. disponível em: < <https://borgenproject.org/education-in-guinea-bissau> > Acesso: 01 ago. 2025.

ROQUE, Silvia. Mulheres, nação e lutas no cinema anti/pós-colonial da Guiné-Bissau. 2021. **Revista De Comunicação E Linguagens**, (54). Obtido de <https://rcl.fcsh.unl.pt/index.php/rcl/article/view/132>.

ROSA, Guimarães. **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SILA, Abdulai. **Memórias SOMânticas**. Bissau: Ku Si Mon Editora, 2016.

TCHEKA, Tony. **Desesperança no chão de medo e dor**. Corubal, 2015 (Póvoa de Santo Adrião: Europress.

VAZ, Francisca. **Mulheres guineenses apontam incumprimento da lei de quota**. 24 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/lei-que-garante-mulheres-na-pol%C3%ADtica-n%C3%A3o-%C3%A9-respeitada-na-guin%C3%A9-bissau/a-47208146>. Acesso em 01 de agosto de 2025.

Recebido em: 20/10/2025

Aceito em: 15/12/2025